

“La Plata” na estrada

O novo disco da banda mineira Jota Quest reúne uma mistura de ritmos. Há participação de artistas consagrados nacionais e estrangeiros

Por Karen Rodrigues

Quanto vale o show? Quanto vale o amor? Quanto vale então fazer das tripas coração? É nesta crítica social, ao consumo e ao valor das coisas, que o Jota Quest está na área com o seu sexto CD inédito, “La Plata”.

Com 12 anos de estrada, a banda mineira formada por Rogério Flausino (voz), Marco Túlio (guitarra), PJ (baixo), Marcio Buzelin (teclado) e Paulinho Fonseca (bateria) reúne no novo álbum uma mistura de ritmos como black, rock, funk, sample, samba e, é claro, o pop.

Produzido durante sete meses em estúdio próprio, o “Minério de Ferro” em Belo Horizonte, o “La Plata” chega num estilo mais ousado, já que os meninos não se preocuparam em fazer um CD que agradasse a todos.

E em um bate-papo descontraído, o vocalista Rogério Flausino conta à Folha Universitária como foi a produção do novo trabalho e os momentos que marcaram a trajetória da banda.

Folha Universitária – Três anos depois do “Até onde vai”, o Jota está de volta, com o “La Plata”, num estilo um pouco diferente dos discos anteriores. O que os levou a apostar em outros ritmos, além do pop, que é o característico da banda?

Rogério Flausino – Eu não gosto muito de assumir que este CD está diferente porque na verdade este CD é uma evolução normal e natural. A gente sempre misturou black, rock, funk, sample com texturas eletrônicas no baixo, para dar uma sujeira no som. Neste, a gente conseguiu sintetizar melhor as coisas, polir melhor. A mixagem foi feita com muito mais calma. Conseguimos que as inserções aparecessem quando eram para aparecer, que as referências de samba, de música brasileira com versões eletrônicas, ficassem mais evidentes também. Acho que as letras das canções estão mais bem escritas, eu sou responsável pela maioria delas e tenho parcerias com outros amigos. A não preocupação de fazer um álbum que agradasse a todo mundo, que tem que tocar no rádio, não tem nada. Tem uma banda, que tem 12 anos e já fez seis discos inéditos, que escuta música pop 24 horas por dia, se diverte, e tem se dedicado a isso a vida inteira.

F.U. – O Jota Quest, nestes 12 anos, emplacou vários sucessos. Neste CD vocês buscaram fazer algo que mais se identificasse com a banda?

R.F. – Eu acho que sempre fomos muito intuitivos. Pra escrever uma letra, para gravar uma música, para escolher um repertório. Acho que se o resultado deste está soando dessa maneira, como um disco que não tem

regravações, que não tem lalalás, que é um disco diferente é porque a gente está assim, a gente procurou ficar assim. Estou muito satisfeito com o resultado, porque é muito bom ouvir isso depois de um tempão fazendo a parada. As pessoas pensam que a gente só faz música para fazer sucesso e isso não existe, fazemos o que a gente acredita e o que sabemos, dentro da nossa condição artística. E se agora chega um álbum que tem um monte de coisa bacana, então pô, lindo, estou muito feliz. Vida longa, tô louco para começar o outro (risos), o clima tá bom.

“Estamos bem maduros, escrevendo melhor, tocando melhor, então eu diria pra você que agora é que vai começar, porque passou aquela fase de incertezas, inseguranças. Todo mundo pronto e com muita vontade. Agora que o bicho vai pegar”

F.U. – Como surgiu a idéia da música “La Plata”?

R.F. – A música, como outras, é uma canção que foi sendo construída. “La Plata”, que é uma letra social, uma poesia concreta, pintou uma batida, com um sample que o Paulinho trouxe, aí o PJ gostou e colocou o baixo. Marco Túlio gostou e fez o refrão com mais guitarra, aí ouvi e falei: elegante o negócio, tá bacana, meio mexicano. Lembrei que tinha uma letra em casa que falava em dinheiro, mas o que me lembrou foi porque estava meio mexicano e que a letra chamava “La Plata”. É uma música

que discute o valor das coisas, das atitudes, das intenções, colocando o dinheiro como o fiel da balança. Não que eu acho que o dinheiro seja uma coisa ruim, dinheiro é bom, quando é ganho honestamente e quando é gasto com inteligência. Legal, falar da grana e tal e tem a crise aí, que está nos ajudando (risos). Pensamos que tinha que ser alguma coisa forte e não uma água com açúcar qualquer, pra tocar no rádio. Não dá mais pra ser assim. A gente errou algumas vezes, mas estamos sempre tentando não repetir.

F.U. – A pirataria é um problema sério. E agora com esta crise acaba sendo um motivo maior para as pessoas optarem por esta mercadoria. O Jota pensou em alguma saída para tentar driblar isto antes do lançamento do CD?

R.F. – Nós fizemos um negócio louco. Conseguimos negociar e colocamos disponível o álbum no My Space, do dia 25 de outubro até dia 11 de novembro. E isso

foi legal demais, tivemos 30 mil views. O clipe, que tem pouco mais de 30 dias e está disponível no You Tube, já tem mais de 250 mil views. Agora está saindo um celular com as músicas.

F.U. – Hoje em dia está complicado lançar um CD esperando retorno?

R.F. – Hoje os tempos são outros. A pessoa que gostava de música, igual quando eu era moleque, ficava correndo atrás e demorava um ano pra achar aquele som. Hoje a gente demora um minuto, um segundo para encontrar. A molecada que gosta de música, hoje, senta no computador e encontra o que ela quiser. A gente, que no caso já é uma banda conhecida, e tem acesso à grande mídia, também tem que deixar a nossa obra à disposição e com fácil acesso para as pessoas que curtem música através do computador. Conseguimos bater-papo com a gravadora e decidimos fazer como a gente sempre fez e fazer a nova onda. Vamos fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Tem mil formas hoje.

F.U. – Esta atitude não é um risco que possa vir a prejudicar as vendas?

R.F. – Eu acho que já prejudicou. Estamos em níveis baixíssimos de consumo de CD físico. Eu acho que ter colocado no My Space como uma forma de mostrar às pessoas que o disco é bom, foi ótimo. Porque o cara vai comprar o disco, ou não vai comprar, mas ele já assimilou que o Jota está “assim ou assado”. O fã que é fã, ele compra o álbum, ou baixa, mas ele vai consumir aquilo, ouvindo. O objetivo é que ele ouça e depois vá ao show pra gente se encontrar. E a gravadora, por sua vez, tá trabalhando com um caixa bem mais baixo que anos atrás, mas ela está buscando outras formas, com promoções, novas ações, projetos especiais e assim vai faturando uma grana, que nunca vai ser o que era antes, conseqüentemente, ela não vai lançar mais tantos artistas como lançava antes. Isso é prejudicial para todo mundo. Então não é o Jota quem está perdendo, num primeiro momento, mas todo mundo que está deixando de conhecer novos artistas.

F.U. – Os discos anteriores tiveram muitas críticas por causa das letras e canções românticas. Como vocês lidam com esta crítica e como tem sido a repercussão deste novo disco?

R.F. – Fazemos o que a gente consegue, a gente trabalha com o material





humano. Sou eu quem escrevo as coisas do jeito que eu sei, do jeito que eu aprendi e vamos melhorando a cada dia. Estamos numa curva ascendente. Algumas músicas foram muito positivas, a maioria das pessoas vêm falando bem e eu fico muito feliz. A crítica especializada é extremamente importante, porque através dela nos posicionamos. Então tem gente que gosta, gente que não gosta. Acho importante, faz parte da parada e serve para nortear e melhorar. A gente lida muito bem com isso, a cada ano a coisa fica mais legal, isso é notável. Ganhamos mais gás para continuar e levar sempre pra cima.

F.U. – Este último álbum foi produzido num estúdio de

vocês. Isto foi um diferencial, para o resultado final?

R.F. – Foi um diferencial porque sempre gravamos por aqui. Começava a gravar e num determinado momento tinha que ir pra outro lugar finalizar. Não só por passar dois meses fora de casa, morando em hotel, mas porque música, sonoridade é uma ciência, mas tem uma magia. Quando a gente fica numa sala gravando, ouvindo aquele som legal e sai de lá e vai pra outra sala, muito da magia se perde. Algumas coisas melhoram, outras pioram e o disco sempre perde a unidade. E este disco tem uma unidade sonora, porque ele foi feito do primeiro ao último dia no mesmo lugar, na mesma sala, pelas mesmas pessoas. Então começou e



terminou na mesma sintonia.

F.U. – Este disco também contou com parcerias, inclusive internacional?

R.F. – Exatamente. A internacional é o Ashley Slater, vocalista da banda inglesa “Freak Power”, que gostamos muito. A gente convidou o cara e ele veio. Ele é genial, compomos muita coisa. Também teve o Nelson Motta que fez a letra “Ladeira”. Giovani Mesquita é um artista novo, meu “chegado”, a gente compôs duas músicas e os meninos gostaram de ambas e elas entraram: “O grito” e “Único Olhar”. Tem uma letra da Fernanda Mello, minha parceira antiga, e a gente fez “Laptop” e uns meninos doidos do Click Box, que trabalharam conosco. Então esse é o time do “La Plata”.

F.U. – Doze anos de estrada, muita coisa deve ter acontecido com a banda. Como você avalia todo esse período?

R.F. – Estamos bem maduros, escrevendo melhor, tocando melhor, então eu diria pra você que agora é que vai começar, porque passou aquela fase de incertezas, inseguranças. Todo mundo pronto e com muita vontade. Agora que o bicho vai pegar (risos).

F.U. – Qual o momento da carreira que mais te marcou?

R.F. – Ah muita coisa legal, né? Cantar com Roberto Carlos foi um negócio que não tem explicação. Ele é o rei, sem comentários. Todo mundo que nasceu de 68 pra cá tem o Roberto no DNA, herdou do pai e da mãe (risos). Foi uma emoção muito grande. Passar por aquele palco é uma sensação de estar subindo na vida.

F.U. – E tem algum momento que você gostaria de esquecer?



R.F. – Ah não. Seria injusto, porque o que a gente fez não foi de propósito foi no instinto. Se deu certo ou errado, já passou.

F.U. – O Jota já tocou nos EUA no Brazilian Day, em Lisboa no Rock’n Rio e até onde vai o Jota Quest? Quais são os planos da banda?

R.F. – Agora é botar o “La Plata” na estrada, começar tudo de novo. Rodar o Brasil para mostrar este som novo. E dar continuidade a este trabalho e manter esta curva ascendente. Tentar manter este saldo de qualidade em todos os sentidos. Usar bastante este estúdio novo, pra gente ir trabalhando as músicas com mais afinco, mais tranquilidade, aprofundar nessa parte de composição, porque a base de tudo são as músicas mesmo, não é o rostinho bonito (risos) até mesmo porque não somos meninos mais.

F.U. – A banda continua com a mesma formação desde o início. Como é essa convivência durante anos com as mesmas pessoas?

R.F. – A convivência é muito boa. Existe uma confiança, respeito e amizade muito grande. Todo mundo tem seus defeitos, mas tem suas qualidades e já nos conhecemos muito. E, às vezes, rola um “quatro contra um” e a gente chega nesse um e fala: o um qual é a tua brother? Não é assim não cara. E isso é muito bom, os caras chegam e falam a verdade, conversamos e com isso vamos crescendo. Todo mundo com vontade de vencer, de ficar junto, quebrando tudo. A maior conquista da banda não foram os discos de platina, porque isso é tudo volátil. Foi o nosso crescimento. Foi conseguir chegar até aqui unidos, com amizade, porque é isso que vai fazer chegarmos aonde a gente não sabe onde é (risos).